

# O ENSINO SUPERIOR EM CAJAZEIRAS: UM ESPAÇO PREDOMINANTE FEMININO

v. 12 n. 25 (2024): BILROS 2024. 2

## **KÁSSIA REJANE PEREIRA DE SOUSA**

Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduada em Licenciatura em História e especialista em História do Semiárido Nordeste pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora na Faculdade São Francisco de Cajazeiras (FSF). *E-mail*: kassia.siloe@gmail.com

## **CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO**

Professor Titular da UFPB. Pós-doutor em Educação (Coimbra/Portugal) e em História e Filosofia da Educação pela Unicamp. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Mestre em Sociologia pela UFPB. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq Nível 1C. *E-mail*: charlintonlara@yahoo.com.br

## **VANUSA NASCIMENTO SABINO NEVES**

Doutora em Educação pela UFPB, mestra em Gestão de Organizações Aprendentes pela UFPB, licenciada em Enfermagem e técnica administrativa em educação na UFPB. *E-mail*: pbvanusa@gmail.com

**O ENSINO SUPERIOR EM CAJAZEIRAS: UM ESPAÇO PREDOMINANTE FEMININO**

**HIGHER EDUCATION IN CAJAZEIRAS: A PREDOMINANTLY FEMALE SPACE**

**Kássia Rejane Pereira de Sousa**  
**Charliton José dos Santos Machado**  
**Vanusa Nascimento Sabino Neves**

**RESUMO**

Objetivou-se compreender a influência da primeira instituição de Ensino Superior do município de Cajazeiras para com a educação de mulheres no alto sertão<sup>1</sup> paraibano. O estudo é exploratório-descritivo e de abordagem qualitativa. Os dados procederam de fontes documentais e orais. Embora destinada a homens e mulheres, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC), nos anos primeiros nove anos de funcionamento (1970-1979), teve suas vagas majoritariamente preenchidas por mulheres (n=1.668, 75,78%). A maioria dessas mulheres eram professoras que depositavam na formação superior a esperança de acessão profissional. De maneira geral, os ex-alunos da faculdade preenchiam os novos postos na docência, inclusive na própria instituição. A expressiva presença feminina em meio ao alunado do Ensino Superior de Cajazeiras não representou a superação das contradições de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Mulheres. Ensino Superior. Formação. Magistério.

**ABSTRACT**

This study aimed to understand the influence of the first higher education institution in the municipality of Cajazeiras on the education of women in the high hinterland of Paraíba. The research is exploratory-descriptive with a qualitative approach. Data were obtained from documentary and oral sources. Although intended for both men and women, the Faculty of Philosophy, Sciences, and Letters of Cajazeiras (FAFIC) saw its positions predominantly filled by women (n=1,668, 75.78%) during its first nine years of operation (1970-1979). Most of these women were teachers who viewed higher education as a path to professional advancement. Generally, the college's alumni filled new teaching positions, including within the institution itself. The significant presence of women among the student body in Cajazeiras' higher education did not represent the overcoming of gender contradictions.

**KEY WORDS:** Women's Education. Higher Education. Training. Teaching.

<sup>1</sup> O alto sertão da Paraíba está localizado na região semiárida do estado, onde o período de estiagem é mais intenso.

## INTRODUÇÃO

O acesso feminino ao Ensino Superior se consolidou como uma realidade nas últimas décadas, ganhando cada vez mais expressividade. Dados do Censo da Educação Superior de 2022 revelam que as mulheres excederam o número de homens matriculados nos cursos de graduação no Brasil. Dos concluintes em 2022, as mulheres representavam 61,7% nas instituições de ensino superior (IES) privadas; 61% nas municipais; 57,9% nas estaduais e 55,9% nas federais (Brasil, 2022).

Entretanto, essa nem sempre foi a realidade brasileira. O acesso ao ensino no Brasil se configurou excludente e desigual para as mulheres. Anteriormente, considerado um privilégio reservado aos homens, o acesso à educação por parte do público feminino ocorreu de forma lenta e tardia, em seus diversos níveis (Nunes; Machado; Lacet, 2024).

Na formação superior militar, por exemplo, tão somente mais recentemente as mulheres obtiveram abertura (Honorato, 2021) e, na docência, de regra, os percalços formativos vivenciados pela mulheres brasileiras são superiores aos dos homens (Fialho; Machado; Neves, 2022). Todavia, essas experiências formativas, ainda que desafiadoras, conferem sentido à formação docente, as quais, quando associadas aos demais saberes, capacitam as professoras à prática pedagógica reflexiva (Verde; Martins, 2022). Isso, em tese, é particularmente relevante para aumentar o comprometimento das professoras com o processo de ensino e aprendizagem mediante a análise crítica e corretiva da própria prática (Brandenburg; Pereira; Fialho, 2019; Fialho; França; Nascimento, 2023).

Tendo permanecido por muito tempo excluídas do processo de formação escolar e recebendo uma educação voltada aos cuidados do lar e da família, as mulheres puderam ingressar no Ensino Superior apenas em 1879, quando o governo imperial permitiu a entrada feminina nas faculdades mediante o consentimento de seus pais ou maridos (Ribeiro, 2023). Entretanto, ainda que oficialmente pudessem ser aceitas no Ensino Superior a partir da segunda metade do século XX, o número de mulheres que acessavam este nível de formação era muito reduzido, tendo em vista as condições e limitações impostas a tal ingresso e, também, o peso da cultura patriarcal da época, que recomendava não “afastar a mulher dos deveres domésticos, do cuidado ao marido e da formação dos filhos, funções legitimadas pela ciência, religião e Estado” (Machado *et al.*, 2023, p. 202).

Essa realidade unicamente começou a ser alterada significativamente durante as décadas de 1960 e 1970, quando a presença feminina no Ensino Superior aumentou expressivamente. Esse incremento evidenciou a expansão das matrículas de mulheres, sobretudo em áreas de formação das Ciências Sociais, Aplicadas e Humanas. Ou seja, nas carreiras profissionais culturalmente definidas como mais apropriadas para as mulheres, em especial, na formação para o magistério (Passos, 1997).

O crescimento das matrículas das mulheres no Ensino Superior foi resultado do aumento da participação profissional feminina na Educação Básica, exigindo do poder público a ampliação de espaços voltados a habilitação em grau superior para o exercício do magistério. Não por acaso, os dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que, em 1970, as mulheres já representavam 26,6% da população com nível universitário (Venturini, 2017).

Na cidade de Cajazeiras, no sertão do estado da Paraíba, a criação da primeira IES, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (FAFIC), atual Faculdade Católica da Paraíba, em 1970, oportunizou ao público feminino o acesso à formação universitária através dos cursos de graduação oferecidos pela recém-criada faculdade. Já no primeiro ano de funcionamento dessa IES, as mulheres preencheram 59,44% das vagas oferecidas, demonstrando uma virada feminina na busca pela formação universitária. Isso poderia reverberar em ascensão profissional, ultrapassando os limites sociais outrora impostos às mulheres, mas ainda fortemente enraizados no alto sertão paraibano.

Desse contexto, emergiu a pergunta propulsora deste estudo: como a FAFIC se relacionou com a educação de mulheres na Paraíba da segunda metade do século XX? Para responder a essa questão, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo de compreender a influência da primeira IES do município de Cajazeiras para com a educação de mulheres no alto sertão paraibano.

Ao eleger a FAFIC como objeto de estudo, enquanto IES pioneira no alto sertão paraibano, cujo escopo era a formação de professores, tanto homens quanto mulheres, e considerando que, nos seus primeiros nove anos de funcionamento, as vagas foram predominantemente preenchidas por mulheres, podemos lançar luz sobre vários aspectos da educação de mulheres. Como asseguram Fialho, Machado e Neves (2022), historicamente, o patriarcado no Brasil agravou os desafios enfrentados pelas mulheres em busca de uma formação superior. Outrossim, o estudo das instituições educativas ultrapassa os limites

internos institucionais e pode elucidar os avanços e retrocessos na expansão educativa brasileira (Neves; Machado, 2023; Neves, 2024).

## **METODOLOGIA**

No aspecto metodológico, a pesquisa, que corresponde a um recorte adaptado de uma dissertação de mestrado defendida na linha História da Educação da Universidade Federal da Paraíba (Sousa, 2024), situa-se na interseção entre história das instituições educativas e a educação de mulheres e ancora-se na Nova História Cultural (Pesavento, 2007) e na História do Tempo Presente (Chartier, 1988), qualificando-se como exploratória-descritiva com abordagem qualitativa.

Estudos simultaneamente exploratórios e descritivos possibilitam maior familiaridade com o problema de pesquisa e melhor esclarecem a relação entre as suas variáveis (Gil, 2008). A abordagem qualitativa favorece a compreensão e a interpretação das ações humanas e sociais (Minayo, 2012). A Nova História Cultural, por seu turno, permite ampliar o universo informacional por meio de fontes não oficiais e discuti-las em uma perspectiva transdisciplinar (Pesavento, 2007). A História do Tempo Presente posiciona o pesquisador na contemporaneidade do objeto investigado (Chartier, 1988).

Nesse sentido, utilizamos como fontes registros institucionais disponíveis no arquivo da FAFIC como atas, relatórios, pastas individuais de alunos, cartas, entre outros documentos oficiais. Com base em Thompson (1992), incluímos também os testemunhos orais de professores e alunos pioneiros obtidos a partir de entrevistas segundo à técnica da história oral.

Sobre a investigação com a documentação oficial presente no arquivo da FAFIC, cabe reforçar que se trata, em grande parte, de um valioso acervo de fontes primárias. Ou seja, “documentos que ainda não foram tratados científica ou analiticamente naquele contexto investigado” (Machado; Nunes; Lacet, 2022, p. 410). Sendo assim, tal documentação exigiu do pesquisador uma análise rigorosa, crítica e contextualizada, na decodificação do universo simbólico de que se revestem, recomendando, portanto, entre outras coisas, “uma boa dose de paciência para se evitar conclusões precipitadas” (Rodrigues; França, 2010, p. 62).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade de Cajazeiras, no alto sertão da Paraíba, é conhecida por sua história educacional. Fundada sob os alicerces da Igreja Católica, seu desenvolvimento ainda no século XIX, deu-se em virtude do seu pioneirismo educacional em uma região marcada pela seca, pobreza e analfabetismo.

No ano de 1829, o padre Inácio de Sousa Rolim, considerado pela historiografia cajazeirense como fundador da cidade, criou uma pequena escola para meninos. Na ausência de outro estabelecimento de ensino em toda a região, era crescente o número de alunos que procuravam a escola de Cajazeiras, vindos inclusive de outras localidades, como foi o caso de Cícero Romão Batista, o Padre Cícero de Juazeiro do Norte, no Ceará, que ingressou no Colégio de Cajazeiras no ano de 1860, aos 16 anos.

Em 1843, o estabelecimento de ensino foi transformado em Colégio de Instrução Secundária, recebendo a denominação de Colégio Padre Rolim. Isso conferiu à Cajazeiras uma significativa importância para a região, tendo em vista que a Paraíba, naquele período, possuía apenas dois Colégios: o Liceu Paraibano, na capital do estado, e o Colégio Padre Rolim, no Sertão (Sousa, 2011).

Até 1858, o Colégio Padre Rolim oferecia educação somente para meninos, quando, no mesmo ano, foi fundada uma escola particular para a educação feminina, que funcionava como anexo do colégio. Nessa escola, lecionaram duas sobrinhas do Padre Rolim, Vitória dos Santos Rolim de Albuquerque e Antonia dos Santos Rolim de Albuquerque, que haviam sido enviadas por ele para Fortaleza, capital do Ceará, com a finalidade de se formarem para o magistério. Esta escola viria a se tornar a Escola Normal de Cajazeiras, destinada à formação de professoras primárias.

Por vários anos, o Colégio Padre Rolim e a Escola Normal para meninas foram os únicos estabelecimentos de ensino a oferecer educação escolar para a população de Cajazeiras, mantendo a hegemonia quase absoluta da Igreja na área educacional.

Apesar do pioneirismo educacional da cidade de Cajazeiras na região sertaneja, o processo de expansão educacional aconteceu lenta e tardia, visto que, por muito tempo, a educação esteve sob a hegemonia da Igreja Católica e o acesso era restrito a um pequeno grupo social mais próspero.

Apenas a partir de 1930, Cajazeiras teria finalmente outras escolas criadas, como o Grupo Escolar Monsenhor João Milanês, fundado nesse mesmo ano. Mas, foi somente entre as décadas de 1950 e 1960 que começou efetivamente o processo de expansão educacional, com a criação de um número cada vez maior de escolas de ensino secundário. Exemplos desse incremento são a Escola Técnica de Comércio de Cajazeiras Monsenhor Constantino Vieira, fundada em 1951, e o Colégio Estadual de Cajazeiras, instituído em 1961. Este último configurou-se no primeiro estabelecimento público de ensino secundário da cidade.

Diante do crescimento no número de escolas e, conseqüentemente, de alunos matriculados, surgiu um problema que precisava de urgente solução: encontrar professores habilitados para lecionar nesses estabelecimentos de ensino. Isso porque os professores com a qualificação necessária, em sua maioria membros do clero e de ordens religiosas, já não eram suficientes para atender à crescente demanda.

Apesar das significativas conquistas femininas no país quanto ao acesso à educação superior, na cidade de Cajazeiras e interior do estado da Paraíba, as mulheres ainda experienciavam muitas restrições. Limitadas por diversos fatores e com poucas perspectivas de ascensão, sobretudo quando pertenciam a classes menos abastadas, a formação docente em nível primário na Escola Normal consistiu por muito tempo no grau máximo que as mulheres poderiam alcançar em formação escolar. Não era incomum encontrar, nas escolas da região, professoras apenas com o curso primário.

A ausência de uma IES em toda a região do Alto Sertão e as dificuldades de acesso a este nível de formação faziam com que o quadro de professores nas salas de aulas das escolas, em sua maioria, possuísse apenas o mínimo de formação. Por causa disso, muitos buscavam, na medida do possível, algum tipo de habilitação que os auxiliassem no exercício do magistério.

Nessa conjuntura, uma possibilidade de aperfeiçoamento era a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), criada no governo do presidente Getúlio Vargas, em 1953, com a finalidade de suprir a defasagem quanto à formação acadêmica dos professores. Com o intuito de difundir e elevar o nível do ensino secundário através da promoção de cursos e estágios de especialização e aperfeiçoamento para professores, a CADES possibilitava, assim, que os professores tivessem acesso a uma formação para atuar no ensino secundário (Baraldi, 2016). Contudo, a formação dos professores continuou restrita e orientada pelas ações da Campanha.

Vale ressaltar que a ocupação dos espaços no magistério por mulheres, principalmente nos anos iniciais da formação escolar, aconteceu no momento em que elas foram consideradas necessárias e aptas para a educação das classes de meninas, sendo as Escolas Normais o meio para se formar professoras diante do aumento da demanda escolar (Ferreira, 1998).

Associado a função social das mulheres de ser esposa e mãe, o magistério tornou-se um meio onde elas poderiam desenvolver suas atribuições naturais de cuidar e educar. Por isso:

As escolas de formação docente enchem-se de moças e esses cursos passam a constituir seus currículos, normas e práticas de acordo com as concepções hegemônicas do feminino (Louro, 2014, p. 101).

A ampliação das oportunidades de trabalho para os homens, gerada pelo processo de urbanização e industrialização do país, fazia-os migrar do magistério para novas áreas e campos profissionais consideradas exclusivamente masculinos. Com isso, o espaço “aberto” na docência, sobretudo na educação básica, passa a ser ocupado pelas mulheres, visto que se tornar professora era uma das poucas opções de trabalho possíveis e decentes para as mulheres (Sousa, 2023).

Desse modo, as qualidades “naturais” de cuidar e educar atribuídas às mulheres, associadas à sua função social de mãe e esposa, tornavam o magistério uma atividade profissional aceitável. Em particular, o magistério conciliava maternidade e docência, integrando os papéis domésticos e profissionais, e contribuía para a construção de uma identidade profissional para a docência.

Esta reprodução traduz traços da personalidade feminina que favorecem ao tipo de trabalho que ela vai desenvolver. Em outras palavras, a “paciência”, o “carinho” e a “meiguice” serão os instrumentos mais importantes que ela, e só ela, irá utilizar nesta atividade (Ferreira, 1998, p. 51).

Partindo desta premissa associativa entre maternidade e magistério, na cidade de Cajazeiras, era grande o número de mulheres que exerciam a docência nas salas de aula do ensino primário na década de 1960. A maioria delas havia se formado como normalista no então denominado Colégio Nossa Senhora de Lourdes<sup>2</sup>.

Ainda que essas meninas pertencessem às classes abastadas da sociedade e tivessem recursos para financiar uma educação privada no referido colégio, sua condição financeira e

<sup>2</sup> A Escola Normal para meninas Padre Rolim passou a chamar-se Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no ano de 1928, sob a administração das Irmãs Dorotéias.

status social não extinguiram por completo as limitações impostas ao gênero para alcançar efetivamente o ideal de educação superior. Muitas delas não prosseguiram com os estudos devido às dificuldades de acesso às faculdades, que, na época, eram localizadas apenas nas capitais e nos grandes centros urbanos, restringindo ainda mais o número de mulheres interioranas que possuíam o privilégio de conseguir ingressar no Ensino Superior.

Frequentar uma universidade na capital significava deixar seu lugar social de esposa e mãe e aventurar-se por estradas e territórios desconhecidos, muitas vezes sozinha, rompendo abruptamente com a construção social e histórica do ser mulher, ainda tão fortemente enraizada no pensamento e cultura sertaneja.

Essa foi a realidade da cidade de Cajazeiras até 1970, quando, após cinco anos de espera por um projeto idealizado pelo então bispo diocesano Dom Zacarias Rolim de Moura, a primeira faculdade da cidade começaria efetivamente a funcionar.

O motivo que teria movido Dom Zacarias para a idealização e criação de uma faculdade no sertão da Paraíba com foco na formação docente, foi a ausência de professores habilitados para lecionar nas várias instituições educacionais que se expandiam pela região. Essa situação foi agravada pelas dificuldades enfrentadas por quem desejava uma formação em nível superior, ante a inexistência de uma faculdade em toda a região do alto sertão.

Com o mote de formar professores em nível superior para assumir a educação secundária nas escolas de Cajazeiras e cidades circunvizinhas, além de preparar docentes para o Ensino Superior, a FAFIC iniciou suas atividades oferecendo quatro cursos de Licenciatura Plena: Filosofia, Letras, História e Geografia. Posteriormente, passou a oferecer também as Licenciaturas Curtas de Estudos Sociais e Ciências.

Com a criação de uma IES na cidade, foram as mulheres, que já atuavam como professoras normalistas, que primordialmente buscaram a continuação de sua formação e preencheram a maior parte das vagas disponibilizadas pela FAFIC.

Segundo os arquivos localizados na FAFIC, era comum receber cartas de moças, não só de Cajazeiras, mas também de outras cidades e estados, encaminhadas à faculdade ou a seu diretor, o Cônego Luiz Gualberto de Andrade, pedindo informações sobre o curso pré-vestibular, sobre a realização de vestibular ou mesmo pedindo a concessão de bolsas de estudos. Isso revela a mobilização e o interesse das mulheres que viram na FAFIC a possibilidade de concretização de um sonho que por muito tempo pareceu inatingível.

Se considerarmos que em 1956, as mulheres representavam 26% do total de alunos matriculados no Ensino Superior e, no ano de 1971, este número saltou para 40% (Barreto, 2014), o percentual de mulheres matriculadas na faculdade de Cajazeiras já no seu primeiro ano de funcionamento (resguardadas as proporções) é bastante expressivo. Esse dado revela a presença histórica de um público majoritariamente feminino, a transcender os limites de uma sociedade patriarcal que reforçava a desigualdade de gênero, ainda muito forte na região sertaneja.

Acompanhando as mudanças sociais que ocorriam em todo o Brasil com o aumento do público feminino a ingressar no Ensino Superior, em 1970, o corpo discente da FAFIC era constituído em 59,4% por mulheres.

A exceção do curso de Licenciatura em Filosofia, que visava formar seminaristas diocesanos residentes do Seminário Nossa Senhora da Assunção na perspectiva do sacerdócio, e, por isso, 77,7% dos alunos eram homens, os demais cursos de graduação tinham a sua maioria discente formada por mulheres. No ano de 1970, as mulheres consistiam 81,3% das vagas ocupadas no curso de Letras, 52,9% no curso de História e 81,8% no curso de Geografia.

Considerando os registros encontrados, durante os nove anos que a faculdade esteve em funcionamento, de 1970 a 1979, estima-se que cerca de 2.201 alunos passaram pela FAFIC em suas graduações. Desses alunos, 1.668 eram mulheres, perfazendo um percentual de 75,78% das matrículas realizadas na faculdade. O Quadro 1 apresenta os números e os percentuais de homens em mulheres matriculados na FAFIC no período de 1970 a 1979.

**QUADRO 1** - Quantitativo de alunos ingressante matriculados na FAFIC, por ano e gênero (1970-1979).

ANO	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
	N	N	%	%	N
<b>1970</b>	58	85	40,55	59,44	<b>143</b>
<b>1971</b>	24	73	24,74	75,25	<b>97</b>
<b>1972</b>	42	120	25,92	74,07	<b>162</b>
<b>1973</b>	43	162	20,97	79,02	<b>205</b>
<b>1974</b>	56	203	21,62	78,37	<b>259</b>
<b>1975</b>	44	218	16,79	83,20	<b>262</b>
<b>1976</b>	64	190	25,19	74,80	<b>254</b>

<b>1977</b>	83	260	24,19	75,80	<b>343</b>
<b>1978</b>	64	190	25,19	74,80	<b>254</b>
<b>1979</b>	55	167	24,77	75,22	<b>222</b>
<b>TOTAL</b>	<b>533</b>	<b>1.668</b>	<b>24,22</b>	<b>75,78</b>	<b>2.201</b>

Fonte: Arquivo da Faculdade Católica da Paraíba (antiga FAFIC).

Com base nos dados, constatamos que a faculdade de Cajazeiras possibilitou o acesso ao Ensino Superior ao público feminino, ampliando o campo de atuação docente e descentralizando aquilo que, até então, consistia em um privilégio do público masculino.

Um dado interessante é que, mesmo sendo um curso seminarístico, nos anos de 1976 e 1977, o número de mulheres que ingressou no curso de Filosofia foi maior que o de homens, com o público feminino correspondendo a, 57,9% em 1976 e 79,2% em 1977.

Além dos cursos de graduação, a faculdade ofereceu aos professores cursos de pós-graduação *latu sensu*. Embora não tenhamos localizado arquivos que indicassem a busca e participação feminina nesses cursos, não podemos ignorar o fato de que a faculdade visava qualificar professores não somente para a educação secundária, mas também para ocupar espaços na docência do Ensino Superior.

Prova disso é que algumas mulheres que concluíram seus cursos de graduação e pós-graduação na FAFIC foram convidadas a compor o quadro docente da Faculdade. Tal constatação representou os primeiros passos para a transposição dos limites educacionais e profissionais estabelecidos pelos parâmetros sociais na região, de modo que as mulheres não só conquistaram seu espaço no corpo docente, mas também na docência no Ensino Superior.

Essa se tornou uma prática comum, com os egressos iniciando a carreira docente na própria faculdade. Isso contribuía para suprir a carência de professores, reduzir os altos custos para mobilizar profissionais de outras localidades e oferecer oportunidades de experiência docente aos recém-formados. Uma estratégia idêntica foi observada por Neves (2024) no Ensino Superior em Medicina, na capital do estado da Paraíba, onde a principal forma de suprir as lacunas na docência universitária médica foi tornar os ex-alunos professores da própria IES.

Independente das motivações, a possibilidade de iniciar a carreira docente no Ensino Superior consistiu, dentro do contexto, uma importante transição que levou algumas mulheres da conquista da formação superior à docência neste mesmo nível de ensino, promovendo, portanto, uma ascensão profissional e a conquista de novos espaços.

Desse modo, a FAFIC foi pensada e criada com a finalidade de formar e qualificar professores para a cidade de Cajazeiras e o sertão paraibano, tornando-se um espaço de acesso e atuação do público feminino, que até então era mantido às margens do Ensino Superior. Logo, a faculdade se tornou, essencialmente, um centro de formação de professoras.

Não obstante a formação em nível superior proporcionada pela FAFIC tenha reforçado a feminização do magistério, não podemos negar que, dentro do contexto social, econômico e cultural temporal e espacial, consistiu em um importante avanço nas conquistas femininas. Todavia, no cenário atual, diversos desafios ainda precisam ser superados, como o acesso a cursos superiores em áreas predominantemente masculinas e a permanência nos cursos de graduação diante das controversas realidades sociais e culturais que dificultam a continuidade da formação e da trajetória acadêmica das mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, questionou-se como a FAFIC se relacionou com a educação de mulheres na Paraíba na segunda metade do século XX? De modo a responder a essa indagação, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com o objetivo central de compreender a influência da primeira IES do município de Cajazeiras para com a educação de mulheres no alto sertão paraibano.

Dentre os resultados, destacaram-se que, a FAFIC foi criada tardiamente, apenas em 1970, ainda assim representou a primeira IES do sertão paraibano. Embora sendo uma faculdade destinadas a homens e a mulheres, nos primeiros nove anos de funcionamento (1970-1979), suas vagas foram preenchidas majoritariamente pelas mulheres (n=1.668, 75,78%), enquanto os 533 alunos representaram apenas 24,22% do total de admissões.

Em sua maioria, as recém-admitidas na FAFIC eram professoras formadas na Escola Normal, que já exerciam a docência na educação primária em Cajazeiras e outras cidades do interior do estado. Elas buscavam maior qualificação e ascensão na carreira docente, certamente, almejavam preencher os espaços existentes no ensino secundário, que estava em expansão, e até mesmo no Ensino Superior. Impossibilitadas de cursar uma faculdade devido os limites impostos ao acesso ao Ensino Superior, que era disponível apenas nas capitais e nos maiores centros urbanos do estado, essas mulheres viram na FAFIC a possibilidade de acesso ao Ensino Superior, ainda tão restrito na região do alto sertão.

A FAFIC foi criada para formar professores em resposta à carência profissional na região e, com isso, possibilitou a participação feminina no Ensino Superior. Embora esses dados não excluam as desigualdades de gênero ainda existentes e que limitam a equivalência nas oportunidades, podemos considerar que a presença feminina na constituição do Ensino Superior em Cajazeiras representou um grande passo nas lutas e conquistas do gênero pelo direito à educação, tanto no estado quanto na região sertaneja.

Todavia, mesmo que os números quanto a presença feminina no Ensino Superior sejam animadores e apresentem uma evolução nos últimos anos, ainda há muitos desafios a serem superados no que diz respeito ao acesso e permanência das mulheres nos cursos de graduação.

Várias barreiras continuam a se revelar atuais na trajetória acadêmica das mulheres, que permanece permeada pela percepção social de que a maternidade e o cuidado do lar são obrigações femininas. Como também, na sociedade, há a divisão sexual do trabalho, a desvalorização do trabalho feminino e a persistência de heranças do patriarcalismo e do machismo, que estão presentes em determinados espaços e em determinados cursos de graduação.

Além disso, os diferentes contextos sociais em que as mulheres estão inseridas dificultam ainda mais essa trajetória. As contradições e estereótipos de gênero presentes em certos cursos, bem como as especificidades enfrentadas pelas mulheres negras, indígenas, do campo, mães, com deficiência, transexuais, de baixa renda, entre outras, revelam a necessidade imperiosa de projetos e políticas educacionais voltadas para o acesso e permanência do público feminino na formação em nível superior.

Diante dos complicadores e das realidades controversas, compreende-se que a histórica luta feminina pelo direito à educação permanece atual e longe do seu fim. Destarte, é necessário ultrapassarmos a naturalização das desigualdades de gênero, construídas e solidificadas ao longo de séculos, e normalizadas em diversas áreas e campos de atuação, inclusive no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARALDI, Ivete Maria. A CADES e a formação de professores para o ensino secundário: uma campanha nos anos de 1950-1960. **Anais do ENAPHEM** - Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, n. 3, p. 34-43, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/ENAPHEM/article/view/6133>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, n. 6, p. 5-46, 2014. Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno\\_gea\\_n6\\_digitalfinal.pdf](http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf). Acesso em: 24 jul. 2024.

BRASIL. **Censo da Educação Superior**, 2022. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/documentos/2022>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BRANDENBURG, Cristine; PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; FIALHO, Lia Machado Fialho. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-16, 2019. DOI: 10.47149/pemo.v1i2.3527. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Garlhado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A Mulher e o Magistério: razões da supremacia feminina (A Profissão Docente em uma Perspectiva Histórica). **Tóp. Educação**. Recife, v.6. n.1-3. p.61, 1998.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos; NEVES, Vanusa Nascimento Sabino. Trajetórias formativas (auto) biográficas de educadores (as) negros (as) nas teses e dissertações brasileiras (2003-2021). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22, p. e220, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e220>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques; NASCIMENTO, Vanusa Neves. Docência no Ensino Superior: quais saberes mobilizar para formar professores? **Pro-Posições** [online], v. 34, e20220044, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2022-0044> <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2022-0044EN>. Acesso em: 24 jul. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HONORATO, Herculos Guimarães. A participação feminina nos Cursos de Graduação da Escola Naval. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. e335596, 2021. DOI: 10.47149/pemo.v3i3.5596. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5596>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MACHADO, Charliton José dos Santos; LACET, Juliana Aparecida Lemos. Feminismo e republicanismo na imprensa de Portugal: incursão investigativa no jornal A Capital (1910). **Ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, n. 46, p. 155-169, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.46.10>. Acesso em: 14 abr.2024.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Lemos. *In*: VIEIRA, Cristina Maria Coimbra (Org.). **Temas, contextos e desafios da investigação qualitativa em educação**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde Coletiva**, v.17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000300007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 25 jul. 2025.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; MACHADO, Charliton José dos Santos. História das instituições escolares de ensino superior nas teses e dissertações brasileiras (2005-2021). **Revista Cocar**, n. 18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5783>. Acesso em: 25 jul. 2024.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino. **A emancipação da medicina paraibana**: tessituras constitutivas da Faculdade de Medicina da Paraíba (1950-1974). 2024. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; LACET, Juliana Lemos. Catharina Moura e os direitos da mulher: discursos em muitas vozes. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 44, n. 122, p.37-48, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC271174>. Acesso em: 24 jul. 2024.

PASSOS, Elizete S. A mulher na Universidade Federal da Bahia: avanços e recuos. **Bahia Análise & Dados**. Salvador, v.7, n. 2, p. 142-150, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RIBEIRO, A. F. M.; VIEIRA, A. M. D. P. O ingresso de mulheres nas universidades no Brasil (1940-1980). **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023100, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.18047. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18047>.

RODRIGUES, Denise S.; FRANÇA, Maria do Perpetuo Socorro G. de S. A. O uso do documento em pesquisa sócio-histórica. *In*: MARCONDES, Maria I.; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde A. de O. (Orgs.). **Metodologia e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010. pp. 75-91.

SOUSA, Kássia Rejane Pereira de. **As relações de poder no processo de criação do Ensino Superior na cidade de Cajazeiras – PB, nos anos de 1970**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras. 2011. 50p.

SOUSA, Kássia Rejane Pereira de. **Silêncios e Memórias: a idealização e implantação do ensino superior na cidade de Cajazeiras-PB (1965-1970)**. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2023. 220p

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1992

VENTURINI, Anna Carolinai. A Presença Das Mulheres Nas Universidades Brasileiras: um panorama de desigualdade. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828\\_ARQUIVO\\_AnaCarolinaVenturini\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828_ARQUIVO_AnaCarolinaVenturini_Texto_completo_MM_FG.pdf). Acesso em: 10 abr. 2024.

VERDE, Ana Paula dos Santos Reinaldo; MARTINS, Elcimar Simão. . Docência no ensino superior: entre a experiência e o experimento. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 4, p. e49163, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v4.e49163. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9163>. Acesso em: 25 jul. 2024.

\*\*\*

Artigo recebido em agosto de 2024. Aprovado em outubro de 2024.